

A FRANQUEIRA

o e Silva
BARCELOS

ÓRGÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA
APROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

C. M. B.
BIBLIOTECA

Redacção :

Rua da Madalena, 6 — BARCELOS

Composição e Impressão :

Tip. da Oficina de S. José — BRAGA

Director e Editor :

PADRE BONIFÁCIO LAMELA

Propriedade da Confraria de Nossa
Senhora da Franqueira

Administração :

R. Infante D. Henrique, 2 a 8
Tel. 3330 - BARCELOS

ASSINATURAS | Anua! 6500
De honoríficos 10500

AD TE SUSPIRAMUS...

VIII-Nunc et in hora mortis nostrae

Precisamos da intercepção da Virgem a todos os momentos; em todos eles a nossa alma é fraca, a nossa vontade débil, tentador e quasi imperioso o pecado. Mas se, agora, no decorrer da vida terrena, a bênção e a graça da Mediadora nos são benéficas e necessárias, se elas são os arrimos da nossa alma, os alicerces da nossa perseverança no bem e as estrelas que iluminam as veredas escabrosas onde laceram os pés e os joelhos os que neste vale de lágrimas gemem e sofrem — na hora solene e inevitável da morte essa bênção e essa graça são ainda um mais precioso auxílio da nossa alma.

Ser julgada! E julgada sem remissão, com aquela justiça que nunca falha, que nunca mente! Com aquela justiça onde tudo se pesa: actos, pensamentos, palavras, intenções recônditas, desejos sofreados, cubiças vencidas. Com aquela justiça terrível, com aquela rigorosa equidade que Jesus nos prometeu ao anunciar: "Não há cousa encoberta que não haja de ser manifestada, nem escondida que não haja de saber-se e fazer-se pública.. (S. Lucas, VIII, 17).

Pobre humanidade! Como ela caminha, cega, desvairada, na rota da concupiscência, do ódio, da inveja, do prazer, da indiferença pelo que é nobre, puro e humilde, esquecida dêsse juizo irreparável, definitivo perante a eternidade do ser!

O homem escolhe loucamente a estrada ampla, assoalhada, plana, marginada de gozos, sabendo que, bruscamente, essa estrada finda e logo resvala num abismo que é uma sentença que dura uma eternidade; e não escolhe antes aquele caminho estreito e pedregoso, húmido de lágrimas e de sangue, pleno de dôres e de desilusões, mas que sobe para o Alto, para o mais puro, para o mais perfeito!

Foi o Padre Kneipp quem disse: "Somos como soldados em licença que não estão um momento seguros de não serem chamados às fileiras.. E Jesus recomendou: "Estai apercebidos porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do Homem.. A parábola das dez virgens mostra-nos também que devemos ser prudentes e ter preparada sempre a nossa alma para o supremo juizo. E Santo Ephrem comenta: "À morte é um senhor de importância; não quiere esperar por ninguém, mas exige que todos esperemos por ela.. E nós diremos que se peca por se pensar de mais na vida; bom seria que se pensasse mais na morte...

A Dispenseira das Graças, a Excelsa e a Poderosa, a Consoladora dos Aflitos e o Refúgio dos Pecadores, não deixa nunca de, na hora da nossa morte, lançar um olhar misericordioso para a nossa miséria de pecadores. Ela só deseja uma coisa: que o nosso coração não esteja inveterado no mal mas confrido dos seus pecados e dos seus erros; que a vossa vontade aceite sinceramente a Sua; que a nossa humildade e o nosso arrependimento abrandem os rigores da justiça divina.

A Medianeira caridosa espalha as suas graças misericordiosas por pobres e ricos, mas sabe que aqueles têm mais direito ao seu amor porque sofreram mais, porque Jesus os imitou na sua pobreza.

Sêde bendita por tudo, Senhora! Tornai-nos pacíficos como Vós; caridosos e puros como Vós. Sêde o nosso arrimo, ó Cheia de Graça! Sêde o nosso exemplo, ó Bendita entre as Mulheres! E sêde a nossa fé, ó Mãe de Deus! E sêde a nossa Esperança, a nossa Consoladora, a nossa Mediadora, não só nas lutas que a vida nos impõe mas, ainda e principalmente, na ansiosa e tremenda hora da nossa morte!

Domingos Evangelista.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Comemoração do Tricentenário

DA

Consagração de Portugal

à Imaculada Conceição

É do conhecimento dos nossos leitores a determinação dos Ex.^{mos} Prelados portugueses, que manda que em todas as terras se faça solene comemoração da consagração de Portugal, feita pelo Rei D. João IV, à Imaculada Conceição.

Esta determinação vai ser jubilosamente cumprida em todo o País e no Império Colonial, porque a todos anima a melhor gratidão à Virgem Padroeira pela protecção e favores recebidos através de séculos, nem sempre bonançosos, nem sempre felizes.

Vamos agradecer à Virgem, em preito de gratidão nacional, a suprema graça de nos afastar dos horrores da guerra que há pouco assolou e devastou o mundo. Grande benefício que nunca poderemos esquecer. E com a maior satisfação e alegria faremos essa comemoração ao lembrarmos-nos que fomos dos primeiros no mundo que honramos pública e oficialmente a Virgem Santíssima na sua Imaculada Conceição.

Barcelos, terra de briosas e antiquíssimas tradições, vai fazer também a sua comemoração, que será revestida de pompa e solenidade. Todos nós, em pública e colectiva reunião, ajoelharemos perante a Imagem d'Aquela que é nossa Padroeira, nossa Rainha, nossa Mãe.

Virgem Santíssima da Franqueira, invocada nas lides dos primeiros alvos de Portugal, auxiliadora dos nossos na sortida a Ceuta, dedicada protectora dos Barcelenses — que nunca a esquecem — mesmo quando espalhados por terras longínquas e ignoradas, vigiando-nos e amparando-nos lá do alto através de séculos e séculos decorridos, Virgem Santíssima da Franqueira, é a consagração plena dum povo que voluntariamente,

A devoção à Senhora da Franqueira é culto tradicional — quase milenário.

Aveiro, 9-3-946

Meu caro J. L.

Nós andamos sempre a aprender, e do que vamos tendo conhecimento somos moralmente obrigados, pondo vaidades ou orgulhos pessoais de parte, a desfazer os erros em que indusimos os outros.

Na minha carta de 9 de Fevereiro, ao fazer o estudo dos quatro fragmentos cerâmicos de Faria, classificava-os no neolítico recente, mal calculando que essa minha carta, publicada no n.º 10 do jornal "A Franqueira", de 15 de Fevereiro último precisasse de quase imediata correcção.

O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. P. Eugénio Jalhay, que honrou o Grupo Alcaides de Faria com visita sua, meu professor no Colégio de La Guardia - já lá vão 21 anos!!! - arqueólogo distintíssimo, e um verdadeiro Mestre, escreveu-me imediatamente um postal, como sempre, a ensinar.

Lá me diz: "Não se zangará comigo se lhe disser que essa cerâmica não pertence à cultura do vaso campaniforme, e que é muito mais recente...", e indica-me como sempre bibliografia.

Escola de Colonização

A progressiva Cidade de Barcelos tem a sua Escola de Colonização, a primeira no género abrindo horizontes largos a rapazes que a organização social "TRABALHO E VIDA", protege e forma para a família e para a Colonização Agrícola.

Estas obras de assistência construtiva tornam-se tanto mais necessárias quanto maior é o número dos que sofrem privações de toda a espécie. A sociedade oferece este quadro triste como chagas que a caridade cristão vai curando chamando às suas fileiras os valores humanos e as pessoas que se não poupam a esta grandiosa tarefa de praticar o bem.

Barcelos possui estes valores que são a honra de uma sociedade ultrapassando os limites da família para irem em socorro das necessidades sociais.

E' a estes voluntários impregnados do mais perfeito humanismo que as grandes realizações devem a sua existência.

A Escola de Colonização de S. José que é também escola de trabalho para a vida encontrou atmosfera de carinho na

unânimamente, A toma, desde os seus primeiros e seculares momentos, como Padroeira da sua Terra.

Em 1646, havia já mais de 500 anos Barcelos se consagrava devotamente à Virgem Mãe e Imaculada, naquele Monte!

Bem haja, pois, quem vai trazer aos pés da Senhora as homenagens dos Barcelenses pela passagem Tricentenário da Consagração Nacional à Imaculada Conceição!

Não me é possível expor-lhe as causas que levaram os Mestres a esta nova classificação, por não possuir dois trabalhos onde o assunto se trata ("Investigación y Progreso", de 1934, e "Archivo Español de Arqueología", de 1943).

O mesmo Sr. P. Jalhay diz-me no seu amigo-postal: "Essa cerâmica é já do Bronze atlântico, entrando pela cultura do campo das urnas..."

Dentro do mesmo trabalho a que me cheguei para cronologia, vê-se a seguinte data para esta cultura, ou seja período de existência: 900 a 650 anos A. C.

Eu tinha dado a esses quatro fragmentos mais uns 2.600 anos.

E há pessoas que tomam a mal quando lhes damos mais 2 ou 3 anos!!

Até por este facto a arqueologia prende.

Receba um forte abraço do
muito amigo

J. S. Paes de Villas-Bôas

pessoa ilustre de um industrial barcelense que na sua quinta de Vila Frescainha de S. Martinho iniciou uma série de obras para a sua fundação prestando todo o apoio para que a iniciativa desse os melhores resultados.

Além dos trabalhos para uma vacaria modelar com a sua nitreira, a casa agrícola com as suas instalações cómodas, práticas e arejadas para os rapazes, esse importante industrial sabe aplicar a sua atenção nestas coisas que dão gosto ao trabalho e à vida e por isso o capital tem nas suas mãos uma função nitidamente construtiva em benefício da pessoa humana.

São estes homens dinâmicos, a verem ao largo e ao longe, com a alma aberta às grandes iniciativas sociais que nós admiramos como baluartes de ordem nova.

A Escola tem já dez rapazes.

E' uma esperança cuja expansão virá ao encontro das aspirações de quantos por ela trabalham e se sacrificam. E' ainda um apostolado novo no embate à miséria social.

G. A.

Vila Frescainha S. Martinho

Chega-nos a informação de que os briosos habitantes desta vizinha freguesia vão mandar fazer importantes obras para ampliação da sua Igreja paroquial. Bom seria também prosseguissem os trabalhos para o alargamento do cemitério da freguesia. Que todos se unam e concorram, porque, onde todos querem, nada é impossível.

Avante e nada de desanimar.

Avé-Maria

Cheia de graças mil, Deus é contigo,
Fulge em teus olhos a divina luz;
Es bendita entre todas as mulheres,
Bendito o filho teu, doce Jesus!
Santa Maria, que de Deus é mãe,
Agora e quando findem nossas dores
Roga, pede por nós, os pecadores.

Amem!

TOMÁS RIBEIRO

Graças

Em cumprimento de uma promessa, vieram à Franqueira, José Marques de Oliveira, António de Oliveira Ramires e Adelino Fernandes Mariz, de Cristelo.

- Idalina do Carmo, de Milhazes, veio também agradecer um favor recebido de Nossa Senhora da Franqueira.

- Hilário Gonçalves, também de Milhazes, mas agora residente em Barcelinhos, em agradecimento à Virgem Santíssima pela protecção que lhe dispensou durante 11 anos que esteve ausente no Brasil, mandou celebrar uma Missa no altar da Ermida da Franqueira, Missa que foi cantada e com sermão, assistindo sua família e diversas pessoas.

MISSA

O muito digno pároco de São Paio de Carvalhal celebrou uma missa na Franqueira, em cumprimento de voto do Sr. José Barbosa Ferreira Dias Júnior.

VISITA

Estiveram na Franqueira, em visita de estudo, passando pela Estação Arqueológica do Castelo de Faria, os estudantes de filosofia do Colégio de Santo António, que os reverendos padres capuchinhos tem em Barcelos.

Em Barcelos

Como está profusamente anunciado, realizam-se na cidade de Barcelos sumptuosas procissões de Passos, nos dias 23 e 24 de Março, às quais se digna presidir Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz.

GRALHAS

Poisaram terrivelmente no n.º 10 do nosso mensário e foram tão audaciosas que até trocaram o título da notícia *Francisco de Sá*, que saiu *Fernando de Sá*. E vá de desvirtuar palavras pondo milésimo, onde teria de se ler milénio.

E por isso, na 30.^a linha, da 4.^a página, onde se vê *carada*, deve ler-se *cabala*.

Que os nossos prezados leitores nos desculpem os efeitos de tão impertinentes gralhas.

Onde foi sepultado o Alcaide?

Apontamentos para a história do MONTE DA FRANQUEIRA

Acabo de ler o livro intitulado "Monte da Franqueira", da autoria de Fr. Francisco de S. Thiego, em extrato da Crónica da Santa Prov. de Nossa Senhora da Soledade, no qual o erudito investigador nos descreve como se travou a grande luta entre portugueses e castelhanos para a conquista do valoroso Castelo de Faria, existente no Monte da Franqueira, e que vou transcrever em parte, para melhor esclarecimento do assunto em questão:

"Junto ao muro da cerca do nosso Convento à parte do Sudoeste, em uma porção do Monte da Franqueira, em um cabeço mais obra da natureza, que da arte, se eleva o antiquíssimo e afamado Castello de Faria, solar dos principais Farias deste Reino, de forma regular de fortaleza inexpugnável daquelles antigos seculos, da qual se não veem mais que as ruínas e fundamentos, porque ao tempo nem ainda os mais fortes Castellos resistem, tudo acaba e consome. E' derivado tambem o nome de Faria da região Ofirina, em que existe. Ao pé do dito Castello à parte do Sul está a freguesia tambem chamada de Faria, que foi Villa, como consta de uma certidão publica tirada na Torre do Tombo, a qual é hoje uma fraca Aldea, que tanto pode o tempo, que a umas terras levanta e a outras abate. Attribui-se a fundação do Castello e Villa de Faria aos francos, hoje Franceses, que em alguma das muitas vezes que vieram a este territorio, deviam alli fortificar-se e ter algum successo notavel, que lhes perpetuou a memoria, dando o nome á serra da Franqueira. Foi cabeça de Condado, cujo titulo logrou D. Gonçalo Telles de Menezes, Alcaide-Mór de Coimbra, progenitor dos Condes de Cantanhede e irmão da Rainha D. Leonor, mulher de El-Rei D. Fernando unico do nome. Já antes de Portugal ser Reino, existia este Castello de Faria; porque, quando por morte do Conde D. Henrique se senhoreou o Conde de Trastamar das terras de Portugal, diz o Conde D. Pedro, que o Santo Rei D. Affonso Henriques ganhara os Castellos de Neiva e Faria e dali começara a recuperar com armas o perdido. Neste Castello de Faria se achava o mesmo D. Afonso Henriques, sendo ainda infante, quando ao Mosteiro de Manhente, que era de Monges Beneditinos, fez couto, divisando por marcos e balizas as terras que lhe coutava, o que hoje pertence ao Religiosissimo Convento de Vilar de Frades da Sagrada Congregação de S. João Evangelista.

No tempo do acima referido Rei D. Fernando de Portugal, estando em viva guerra com D. Henrique Rei de Castella, se viu a cidade de Lisboa cercada e abrazada pelos Castelhanos, e no mesmo tempo entrou por entre Douro e Minho, Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantado de Galiza, e chegou correndo a terra até á Villa de Barcellos. Para pelear com elle se ajuntaram muitos Fidalgos d'aquella Provincia com gente, que puderam ajuntar, e foram vencidos estes. Era ao mesmo tempo Alcaide e Governador do Castello de Faria, Nuno Gonçalves de Faria, Senhor de Menhais, o qual deixando no Castello a seu filho Gonçalo Nunes de Faria com gente, que tinha de presidio, sahio ao campo com a da Villa de Barcellos a ajudar aos seus naturais, porem chegou a tempo, que os Castelhanos os tinham já desbaratado; e voltando sobre Nunes Gonçalves, o venceram, prendendo-o e carregando-o de ferros. Vendo-se este assim preso, disse aos castelhanos que o levassem ao pé do Castello, que elle diria e persuadiria a seu filho que o entregasse. Assim o fizeram; e chegando ao pé do muro do Castello e chamando por seu filho, com animo valoroso e esforçado, cheio de lealdade e honra, estimando mais perder a vida que a sua honra em monscabo e ser desleal a seu Rei e Pátria, lhe disse: *Bem sabes, filho, como este castello me foi dado por El Rei D. Fernando, e d'elle lhe dei pleito e homenagem; mas por minha desventura sahí hoje d'elle, cuidando que nisso o servia. Meus inimigos me trazem aqui, para que te diga que lho entregues; mas porque eu não posso fazer isto, guardando a lealdade que devo, por tanto te mando sob pena da minha maldição o não entregues a pessoa alguma, senão a El Rei meu Senhor, ou a quem Sua Alteza por seu certo recado o mandar.*

Ouvindo isto os Castelhanos, e tendo-se por escarnecidos, mataram a Nuno Gonçalves alli logo na presença do filho, feia e indecentemente, a punhaladas, e o fizeram em pedaços..

* * *

Narra o illustre investigador, como se travou a luta entre castelhanos e portugueses e como foi morto Nuno Gonçalves de Faria, mas não faz referência ao local onde foi sepultado o valoroso português que em meu parecer, não devia ter sido muito distante do histórico castello de Faria.

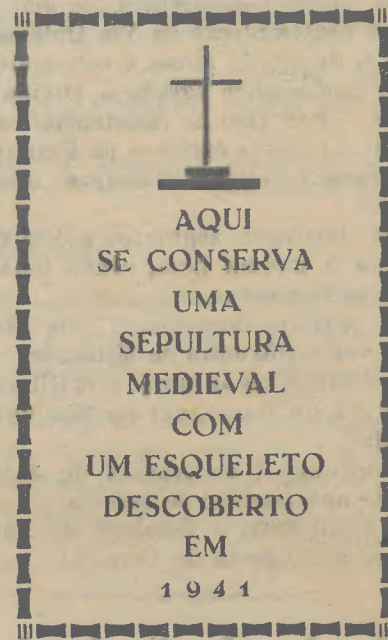
Em épocas remotas, enterravam os mortos, dentro ou fora das igrejas, e para exemplo veja-

mos o que fizeram no convento do Senhor da Fonte da Vida, onde se encontram sepultados inumeros frades e alguns deles, com foros de santidade.

Teria sido conduzido o corpo de Nuno Gonçalves de Faria para o alto da montanha, depois de ferida a batalha e aí sepultado junto da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, como preito de homenagem á heroicidade do leal português?

Ouso apresentar esta opinião pelo seguinte: Quando em 1941 se procedeu ao lageamento da igreja da Franqueira appareceu um coval contendo um esqueleto humano, acompanhado de vários fragmentos, que não chegou a ser identificado e que supponho ser a sepultura do grande português.

Volvida a ossada á escuridão do tumulo, numa indiferença injustificada, apenas recorda o seu aparecimento dentro da igreja, uma pedra com a seguinte inscrição:



Agora que comemoramos mais um aniversário do acedio ao patriótico Castello, muito seria de louvar, que a digna direcção do Grupo Alcaides de Faria, completasse a sua obra, investigando com persistência se a referida sepultura é ou não do Alcaide, o que, a ter confirmação, seria o apogeu de glória para a história de Barcelos e da Franqueira.

BARCELOS, Fevereiro de 1946.

José Correia LANDOLT.

da Vida colocada dentro do templo, em altar condigno, do lado do Evangelho, onde ainda se encontra.

Não obstante a Igreja do Convento se encontrar quase abandonada do culto, o Senhor da Fonte da Vida, tem muitos devotos nos povos da beira-mar, frèguesias circunvizinhas do Convento e na cidade de Barcelos.

Sob lages lisas da Igreja do Bom Jesus do Monte, sem epitáfios, como procurando perpétuo esquecimento da passagem pelo mundo, dormem o sono eterno monges de preclara virtude que, na prática da caridade e do inexcedível amor cristão, atingiram o mais alto grau de perfeição humana.

No transepto destaca-se uma sepultura em que se lê: *Jaz aqui Rodrigo, homem descuidado e pecador, indigno Irmão da Ordem Terceira de São Francisco: pede huma Ave Maria. Obiit 1 de Dezembro de 1710.*

Cobre esta pedra os restos mortais de Rodrigo Mendes de Vasconcelos (1), de illustre prosápia, que foi Senhor da Casa da Fervença.

(1) Rodrigo Mendes de Vasconcelos, Fid. da Casa Real, Senhor da Casa de Sinfaes, onde nasceu, em Lamego, era filho legitimo de Manuel de Vasconcelos Pereira, Senhor da Torre de Alvarenga, e de sua mulher D. Ana Maria de Melo, filha de

A ciclónica rajada liberticida de 1834, expulsou do Convento do Bom Jesus do Monte os humildes monges que, durante três séculos, ali se acrisolaram nas mais excelsas virtudes cristãs.

E, por último, a tróco de irrisórios cruzados, o cenóbio, de tradições tão venerandas, passou a propriedade particular.

Da base do Monte, que assenta na frèguesia de S. Paio de Carvalhal, até ao Convento, segue um caminho, que a estrada em diversos pontos cortou, de pavimentação irregular, muito empinado e ladeiro, por vezes de custosa subida.

Ladeiam este caminho, a espaços apròximadamente iguais, seis capelinhas muito simples, de planta rectan-

Manuel de Sousa Oliveira, Senhor da Vila de Banho e da Casa da Cavalaria, solar da Família dos Almeidas, em Viseu.

Casou Rodrigo Mendes de Vasconcelos, com sua prima D. Antónia Luisa Felgueiras Gaio, Senhora da illustre Casa da Fervença, Comendadeira de S. Fagundo, filha de João Felgueiras Gaio, Fid. da Casa Real, Senhor da Casa da Fervença, Mestre de Campo da Infantaria, Governador das Armas da Provincia do Minho e Comendador de S. Fagundo, e de sua mulher D. Brites da Silva Pimenta, filha de Belchior da Silva, Fid. da Casa Real, Juiz da Alfândega de Viana do Minho e Senhor do Morgado de Cardoso.

VIA-SACRA

Teve lugar no passado domingo, 10 de Março, a Via-Sacra na Franqueira, que começou, como anunciamos, pela representação da cidade de Barcelos.

Eram 3 horas da tarde quando o Rev.^{do} Prior de Barcelos, Snr. Cónego Joaquim Alexandre Gaiolas, iniciou o piedoso acto, acompanhado de grande número de fiéis. A meditação dos supplicios, paixão e morte do Senhor foi feita de Cruzeiro em Cruzeiro, desde o largo do Convento ao cimo do Monte. Momentos comoventes, de edificante piedade, cujos frutos se refletem na sua maior concorrência, de ano para ano. A contemplação da Via-Dolorosa de Cristo é, depois da missa, o acto mais meritório, que melhor agrada à Divina Magistade. Por isso a insistência em se realizar — e nesta época — na Franqueira e aí a razão da afluência sempre crescente dos fiéis.

Nos domingos seguintes a Via-Sacra continua à mesma hora, sendo feita por diferentes frêguesias.

No próximo domingo, 17 de Março, cabe a vez à frêguesia de Milhazes.

No domingo 24 de Março será Gilmonde.

Em 31 de Março, vai ser São Paio de Carvalhal.

O domingo 7 de Abril é de Alvelos, que este ano também se associa.

E, finalmente, o domingo de Ramos, pertence à frêguesia de Pereira.

Festa de S. José

Na Capela de S. José, desta cidade, começa no próximo domingo, 17 de Março, o tríduo preparatório para a Festa do seu Patrono, que terá lugar no dia 19, com o programa seguinte: às 8 horas, missa resada e comunhão geral; às 10 horas, missa solene e às 17 horas, sermão, sendo prêgador o Rev. Sr. Padre Avelino, fundador da Casa dos Rapazes Abandonados, desta cidade.

ESCUTISMO CASA DO RAPAZ

Secção dirigida por: "ÁGUIA DA FRANQUEIRA."

Para que serve o Escutismo

(Continuação do número de Dezembro)

II

E' porém, na vida do campo, na vida ao ar livre, que é um dos ramos mais importantes do Escutismo, que nós podemos avaliar o seu valor.

A' beira dum bosque acaba de chegar um Grupo de Escutas para acampar.

Vejamos o que se passa. O Chefe indica aos guias de patrulha o lugar onde estes devem erguer as suas tendas. Das bagagens transportadas nos sacos-mochilas ou sobre o carro do Grupo começam a ser retirados os objectos necessários. São panos impermeáveis, varas, pequenas estacas de ferro, cordas machados, picaretas, um mundo de pequenas coisas, muitas das quais se não sabe para que servem.

Cada rapaz sabe em que objecto deve pegar, sabe a sua utilidade e coloca-o no seu lugar.

Cada um occupa-se do seu serviço, cantando ou assobiando qualquer canção escuta, sem ter necessidade de ser a cada passo admoestado pelo seu Chefe.

Em poucos momentos, as tendas estão montadas. Cada patrulha tem o seu campo privativo. A que primeiro concluiu este trabalho occupa se já noutro não menos importante — levantar no centro do acampamento um mastro, onde vai ser içada a Bandeira Nacional.

A um sinal de apito dado pelo Chefe, as patrulhas formam em quadrado em torno desse mastro; a um novo sinal, dois escutas avançam e içam o simbolo querido da Pátria, enquanto os seus companheiros em rigida posição de sentido e fazendo a saudação de honra na impressionante posição de braço estendido, cantam a plenos pulmões o Hino Nacional.

Pedreiro

A Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira pretende contractar um artista pedreiro para trabalho permanente, durante todo o ano, na Franqueira. Pretende um homem novo, trabalhador, de bom porte e de preferência casado.

A quem interessar e estando dentro das condições exigidas, pode dirigir-se ao Juiz da Confraria, Sr. Cónego Joaquim Alexandre Gaiolas.

E' já em 19 de Março, dia de São José, que se faz a inauguração da Casa do Rapaz, prestimosa instituição que valiosos serviços vem prestando aos rapazes abandonados da nossa cidade. Todos os barcelenses, amantes duma boa iniciativa, como esta, assistirão à inauguração. Supomos que o programa será profusamente distribuido de modo a todos terem d'ele conhecimento.

João Baptista da Silva Matos

Com a maior satisfação abraçamos há dias, completamente restabelecido de grave doença, o nosso prezado amigo e assinante, Snr. João Baptista da Silva Matos, fervoroso devoto de Nossa Senhora da Franqueira.

Família Coimbras

Na sua interessante vivenda de Gilmonde, passou uma temporada a Família Coimbras, do Porto, devotos de Nossa Senhora da Franqueira e dedicados amigos daquela altitude.

Milagre da Franqueira

De autoria de D. E., foram publicados interessantes e inspirados versos, intitulados «Milagre da Franqueira», que se lêem com agrado e encanto.

E' mais um trabalho interessante e valioso, que veio enriquecer as publicações dedicadas à Franqueira.

Foi mandado imprimir pela «Comissão de Esforço», que os distribui a trêco de donativos para as obras da Franqueira.

gular, com uma só janela e sem ornatos, onde se exibem os Passos da Paixão ⁽¹⁾.

No Convento, muito alterado na sua primitiva fábrica pela adaptação a casa agrícola, resta uma parte do claustro, construção do final do século XVI.

Serve, hoje, de passadiço na parte superior do claustro, uma pedra sepulcral, muito mutilada, onde se lê:

Aqui jaz António de Sousa, e sua mulher Dona Maria da Silva, que faleceo no anno de 1573.

Esta pedra foi retirada do Carneiro da Casa da Silva que existiu na capela do Capitulo, erecta no claustro do Convento ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Em 4 de Setembro de 1710, foi lançada a primeira pedra da capela que assenta no sopé do Monte, sendo guardião do Convento Frei Domingos de Barcelos.

⁽²⁾ António de Sousa Alcoforado, casou em 1556 com Dona Maria da Silva e Lima e foram os instituidores do Morgado da Casa da Silva.

como se vê em outras fontes de quintas e ornatos de jardins, quando lhe occoreo pôr a Imagem do verdadeiro Deos, Senhor não só das águas, mas de tudo o creado Christo Jesus Redemptor nosso crucificado, e nisto assentou.

A imagem ⁽¹⁾ foi colocada no pano da parede junto da portaria do Convento, com uma taça na parte inferior, onde caía água de uma torneira.

«Começou logo o Senhor, pela sua Santa Imagem, continua o mesmo Cronista, a obrar prodígios e dispender liberalmente beneficios aos que com fé bebião a água da sua fonte, e com devoção se encomendavão a elle..

Ano e meio volvido a afluência de devotos elevou-se a tão grande número que, sendo o espaço em que se a fonte encontrava muito acanhado, o guardião do Convento, Padre Prêgador Fr. António de Aveiro Rosa, mudou a imagem e a fonte para uma capela que mandou construir no Terreiro da Portaria.

Mais tarde, por iniciativa do Padre Prêgador Frei Manuel da Azurara, foi a imagem do Senhor da Fonte

⁽¹⁾ Esta imagem foi paga pelo ferreiro Manuel Gomes dos Reis, por alcunha Barasabu, então morador na Rua da Esperança, hoje dos Alcaldes de Faria, de Barcelinhos.